



AGNES EDUARDA DA SILVA BRITO

**Os desafios em se reconhecer uma Análise de Discurso de linha franco-brasileira**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, Campus Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso. II.

Orientador: Prof. Dr. Eric Duarte Ferreira.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: **25/11/2021**.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Eric Duarte Ferreira (UFFS)

Profa. Dra. Marilene Aparecida Lemos (UFFS)

Profa. Ma. Maruana Kássia Tischer Seraglio (UFFS)

# OS DESAFIOS EM SE RECONHECER UMA ANÁLISE DE DISCURSO DE LINHA FRANCO-BRASILEIRA<sup>1</sup>

Agnes Eduarda da Silva Brito<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho, propomos uma pesquisa exploratória sobre a consolidação da análise de discurso de linha franco-brasileira, comentando aspectos de ordem histórica, teórica e social da consolidação da análise de discurso na França e no Brasil, pautando suas semelhanças e diferenças. Além disso, também discutimos como a análise de discurso se configura no Brasil com a sua filiação a Pêcheux e quais motivos levam a considerarmos a existência de uma linha franco-brasileira e não apenas de uma linha francesa. Na sequência, entenderemos de que modo as teorias criadas por Pêcheux o ultrapassa no Brasil, já que, na França, sua terra natal, seus estudos permanecem em segundo plano na atualidade. Desta forma, iremos discorrer sobre os desafios enfrentados pela análise de discurso no Brasil ao preservar a singularidade de uma vertente pecheutiana enquanto constrói a sua própria. Ademais, faremos um levantamento bibliográfico de livros e artigos que discutam as especificidades das análises discursivas feitas no Brasil. Assim, exploraremos os posicionamentos de importantes analistas de discurso brasileiros e suas opiniões sobre a existência ou não da linha franco-brasileira. Por fim, será analisada a obra “As formas do silêncio: no movimento dos sentidos” de Eni Puccinelli Orlandi, entendendo a sua importância e também seu lugar para a consolidação da análise de discurso de linha franco-brasileira. Com o estudo, concluímos que a nomenclatura franco-brasileira é sim pertinente e necessária uma vez que a nomenclatura “análise de discurso de linha francesa” não abrange todas as singularidades e descredita o trabalho de intelectuais brasileiros para com a análise de discurso perpetuada no Brasil atualmente.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso. Análise de discurso francesa. Análise de discurso franco-brasileira. Pêcheux. Orlandi.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa investigar a pertinência da discussão a respeito da consolidação do que podemos denominar de “Análise de Discurso de linha franco-brasileira”. Este estudo será construído por uma pesquisa exploratória de artigos e livros que tratam do assunto. Além disso, iremos discorrer sobre o posicionamento de Eni Puccinelli Orlandi e de outras influentes analistas do discurso, como Maria Cristina Leandro Ferreira e Maria do Rosário Gregolin, sobre a pertinência de se reconhecer ou não a Análise de Discurso empreendida no Brasil como franco-brasileira e quais os caminhos que se devem seguir para valorizar a produção teórica nacional, denominando-a, sem medo, de brasileira, não apenas de francesa.

Neste estudo, levamos em conta que existe uma história da Análise de Discurso brasileira e uma história da Análise de Discurso francesa e que mesmo semelhantes as duas

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador: Prof. Dr. Eric Duarte Ferreira.

<sup>2</sup> Acadêmica da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó. E-mail: agnes.brito@estudante.uffs.edu.br

possuem grandes diferenças (GREGOLIN, 2004, p. 14). Por isso, faz-se urgente entender as diferenças - teóricas, filosóficas, metodológicas - que distinguem estes diferentes estudos. (Idem, p. 199)

Dito isso, a pertinência desta pesquisa se dará pela necessidade de apontar estas semelhanças e diferenças da análise de discurso construída na França por Pêcheux nos anos 60 e a análise de discurso, baseada em Pêcheux, construída no Brasil por Orlandi *et al* a partir dos anos 70/80. Por isso, neste artigo serão discutidos os fatores que levaram à consolidação da análise de discurso no Brasil, configurando o que podemos chamar hoje de análise de discurso de linha franco-brasileira.

Por fim, o artigo será dividido em 5 sessões. Começaremos com uma contextualização histórica, social e ideológica da Análise de Discurso na França e no Brasil. Em seguida, será feito um levantamento das semelhanças e das diferenças teóricas entre as linhas francesa e franco-brasileira. Depois, analisaremos a obra “As formas do silêncio: No movimento dos sentidos”, de Eni Orlandi, e argumentaremos sobre a relevância do texto no resgate das origens linguísticas da Análise de Discurso franco-brasileira. Por fim, apresentaremos os caminhos que devem ser traçados nos estudos discursivos do Brasil para que suas produções sejam reconhecidas e nomeadas como Análise de Discurso de linha franco-brasileira.

## **2 A ANÁLISE DE DISCURSO NA FRANÇA**

### **2.1 O NASCIMENTO DA ANÁLISE DE DISCURSO**

Os estudos e a trajetória da teoria estruturalista são de suma importância para compreendermos o nascimento da análise de discurso (doravante, AD) na França. Quando surgiu, o estruturalismo foi um grande sucesso em diversas áreas do conhecimento e isso acarretou em seu caráter fronteiro e interdisciplinar, uma vez que seus conceitos metodológicos flertavam com as ciências humanas, com as ciências sociais e com diversos outros campos do saber contemporâneo. Por conta disso, surgiram as alegações de que essa vertente construiu um pensamento moldado e generalizado, sem muitos detalhamentos por conta de sua abrangência. (GREGOLIN, 2004)

Segundo Gregolin (2004), os estudos do estruturalismo foram difundidos na França, na segunda metade do século XX, pela publicação, em 1916, dos trabalhos de Saussure sobre a estrutura do sistema linguístico em “Curso de Linguística Geral”. Segundo a autora, a noção de estrutura trazida por Saussure começou a ser incorporada primeiro nos estudos

antropológicos e sociais e só depois foram associados de fato aos estudos linguísticos, já que naquele período os estudos da língua eram voltados à filologia e à gramática normativa.

Enquanto o estruturalismo passava por seus dias de glória na Europa, principalmente na França, sua abrangência e interdisciplinaridade permitiram a fusão dos estudos semióticos aos estudos da semântica e isso abriu brechas para a criação da AD. (MENDES, 2010)

Vale ressaltar que do outro lado do oceano, nos Estados Unidos, os estudos estruturalistas eram ditados a partir das percepções que Humboldt tinha da língua e futuramente das observações que Chomsky teve, acarretando em uma divisão entre gerativismo e cognitivismo que se perpetua até os dias de hoje nos estudos da linguagem e também na análise de discurso, que se vêem muito diferentes em cada país. (MENDES, 2010) A *discourse analysis* presente nos EUA não partia dos mesmos princípios teóricos que a AD francesa, ela está ligada às teorias do que conhecemos como linguística textual aqui no Brasil. (GREGOLIN, 2004)

Mesmo o movimento estruturalista sendo muito diverso, ele sempre se voltava aos estudos saussurianos, sendo este o ponto em comum de todas as tendências, até mesmo a gerativista. Desta forma, o Curso de Linguística Geral representou um corte na linguística não-científica e abriu espaço para um estudo da língua dotado da “ciência do signo”, com uma abordagem descritiva. (GREGOLIN, 2004)

Além disso, o estruturalismo se opunha diretamente ao existencialismo, uma vez que não coloca o indivíduo como centro das especulações filosóficas. O estruturalismo estuda a relação dos elementos de um sistema como um todo e não apenas um recorte dele. (MENDES, 2010)

Como já dito, o surgimento do estruturalismo abriu brechas para a criação da AD. Durante as primeiras décadas da segunda metade do século XX, na França, ocorreu um movimento de reestruturação de afinidades disciplinares em torno da linguística. O surgimento do estruturalismo e seu movimento de desbancar a hegemonia da filosofia fenomenológica e do existencialismo, possibilitou a entrada da antropologia estruturalista, do marxismo e da psicanálise nos estudos linguísticos, prometendo um efeito subversivo de transformação cultural. Assim, nasceu a AD de linha francesa. (GREGOLIN, 2004, p. 31)

Segundo Gregolin (2004), a história da AD francesa nasce um ano antes da sua primeira publicação - que foi a “Análise automática do discurso” de Michel Pêcheux -,

influenciados pelos os acontecimentos de maio de 1968, iniciados na cidade de Paris e estendidos a Buenos Aires, Pequim, Cidade do México e diversas outras localidades pelo mundo.

Para Varella e Della Santa (2018), o pós-guerra, o desenvolvimento industrial, o impulso científico e as conquistas sociais abriram as portas das universidades para a classe trabalhadora e, em menos de dez anos, a França passou de 175 mil estudantes para mais de meio milhão. Segundo o autor, maio de 68 começou a ser impulsionado no ano anterior, quando o corte da participação dos operários nas tomadas de decisões dentro do sistema de segurança social gerou indignação na classe trabalhadora. Para o autor, maio de 68 foi abarcado por greves gerais e lutas sociais por parte de estudantes, trabalhadores e intelectuais do período. Junto aos descontentamentos da classe trabalhadora com as políticas exploratórias nas fábricas e os cortes de direitos, os estudantes começaram a protestar exigindo a livre circulação no campus entre o setor feminino e masculino, entre outras reivindicações. Varella e Della Santa (2018) afirmam que os protestos também foram uma forma dos partidos pró-URSS demonstrarem sua hegemonia entre a classe trabalhadora após o fim da guerra. Não demorou muito para o movimento tomar proporções históricas e as classes dominantes ficarem aflitas. (VARELLA; DELLA SANTA, 2018).

Como resposta, após ficar vários dias sem reação e não poder contar com a ajuda de países vizinhos, que também estavam lidando com greves geradas pelo alastramento do movimento pela Europa, o Presidente francês do período, Charles de Gaulle, ordenou cessar do movimento com ações policiais, o que gerou grande conflito e resposta dos operários e estudantes, criando embate entre a polícia e a classe trabalhadora. Por consequência, estes ocuparam universidades e fábricas em toda a França. O movimento não acarretou em conquistas revolucionárias, mas gerou uma grande mudança na perspectiva em que os franceses entendiam a cultura, a filosofia, as artes, a linguística, a sociologia e diversos outros aspectos da sociedade francesa. (VARELLA; DELLA SANTA, 2018)

Por meio das transformações sócio-históricas trazidas por maio de 68, sob influência do estruturalismo, a análise de discurso francesa se configurou abrangendo conhecimentos da linguística, do marxismo e da psicanálise. Foi por meio da produção teórica de Michel Pêcheux e, posteriormente, de Michel Foucault que a análise de discurso se estabeleceu como parte das ciências da linguagem e humanas. Segundo Courtine, em entrevista cedida a João Kogawa,

É pela mesma razão que, no mesmo momento, nasce uma análise da forma textual das ideologias, ou seja, uma análise de discurso. Todas essas coisas estão ligadas. Vemos bem que sua genealogia toma em parte questões que concernem às próprias disciplinas – a forma com que as disciplinas são “conquistadas” pelo estruturalismo – mas também fatores que são exteriores à esfera da ciência e que concernem mais geralmente ao contexto ideológico que era então o nosso e suas transformações profundas nos anos 1960. (COURTINE, 2015, p. 410)

Com isso, percebemos que maio de 68 trouxe um movimento de releituras de Saussure, Marx e Freud - lê-se uma nova compreensão da Linguística, do marxismo e da psicanálise. Segundo Gregolin (2004), esta foi a tríplice aliança do desenvolvimento da análise de discurso, pois eram as principais referências de Michel Pêcheux.

Para Leandro Ferreira (2003), a análise de discurso tem como marco inaugural o ano de 1969, com a publicação de Michel Pêcheux intitulada “Análise Automática do Discurso”. Desta forma, podemos considerar que a “paternidade” da Análise de discurso é de Pêcheux. Posteriormente, Foucault também direciona parte de seus estudos e publicações para a área discursiva, sendo outro importante referencial teórico. Entretanto, diferentemente de Pêcheux, Foucault não direcionava seus estudos especificamente ao discurso, mas estes compunham uma pequena parte do seu trabalho. (GREGOLIN, 2004)

Uma vez que a Análise de discurso de Pêcheux estava em ascensão, ocorreu sua decaída com a morte do autor, em 1983. Foi devido a isso que o grupo pecheutiano se desfez a tal ponto que atualmente não se ouve falar em Pêcheux em seu próprio país, em sua própria criação. O país seguiu outro rumo nos estudos discursivos e atualmente tem como principal nome Jean-Jacques Courtine. Entretanto, Pêcheux ainda vive e é muito consultado nos estudos discursivos da América Latina, principalmente no Brasil<sup>3</sup>. (LEANDRO FERREIRA, 2003)

Dito isso, Courtine é uma das principais referências da AD francesa atual. Entretanto, não é a única, nomes como Denise Maldidier, Paul Henry e Patrick Charaudeau também são importantes para compreender a teoria francesa desde o princípio até a atualidade.

Após a morte de Pêcheux, ocorreu a “disciplinarização” da AD na França e ela acabou por se distanciar de seu campo de entre-meio durante aquele período. Em um trecho da entrevista de Jean-Jacques Courtine concedida a João Kogawa, citada anteriormente, o autor comenta sobre esse movimento. Ele afirma que:

---

<sup>3</sup> É por conta desta influência pecheutiana no Brasil que a nomenclatura análise de discurso francesa é utilizada por muitos estudiosos. Mais a frente neste trabalho, discorreremos a origem deste nome e o porquê de defendermos o uso da nomenclatura AD franco-brasileira ao invés de AD francesa, no contexto brasileiro.

[...] A interdisciplinaridade era central na fundação de alguma coisa nova. Estávamos em um ambiente, como diria Deleuze, de “desterritorialização” das formas de circulação que remodelavam os papéis e redistribuíam as fronteiras das disciplinas. Depois, de maneira bastante rápida, tudo deixou de ser assim: a AD se “disciplinarizou” rapidamente e o movimento se valeu da própria vida de Pêcheux. Existiam também aqueles cuja preocupação era a disciplinarização da AD e que não faziam parte do grupo do qual acabo de falar. Eles estavam, aliás, totalmente ocupados em escrever manuais de introdução, a sonhar com dicionários. [...] a AD só interessava como componente da linguística, apenas como disciplina no interior desta. Acho que desde que as coisas se reterritorializaram efetivamente, esse espírito interdisciplinar deixou de respirar. (COURTINE, 2015, p. 414)

Dito isso, vale citar que Courtine iniciou seus trabalhos nos estudos da linguagem e do discurso e por conta deste movimento da AD na França ele se distanciou da área se aproximando mais dos estudos históricos. Nesta mesma entrevista, Courtine cita que para ele o nomadismo no plano intelectual é algo precioso (COURTINE, 2015). Para o autor,

Essa questão concerne tanto à natureza do trabalho sobre o discurso que podemos fazer quando empreendemos o trabalho histórico, o que é meu caso há bastante tempo, quanto ao que pude aprender de todo este período em que pratiquei AD. Posso dizer, a esse respeito, que não há uma continuidade absoluta entre esses dois momentos, mas que não há também uma descontinuidade radical. Parece-me que o que eu aprendi quando fazia análise do discurso me preparou para o trabalho crítico sobre os textos a que o historiador deve, evidentemente, estar aberto. [...] Assim, as preocupações discursivas que uma vez tinham sido as minhas se inscrevem em uma perspectiva histórica e genealógica mais larga que, me parece, está bem mais próxima do que eu aprendi a fazer lendo de perto A arqueologia do saber que da própria AD, no sentido estritamente linguístico do termo. [...] (COURTINE, 2015, p. 409)

Atualmente os trabalhos de Courtine têm grande ligação com a AD, afinal, como ele próprio relata na entrevista concedida a Kogawa, todo seu conhecimento sobre o tema é de fato utilizado na construção de suas análises históricas e semióticas (COURTINE, 2015, p. 409). Por isso, entendemos que o autor, em seus recentes trabalhos, recapitula o cerne da área, mas, ao mesmo tempo, se distancia dela e a reformula em sua interdisciplinaridade e nomadismo.

## 2.2 PÊCHEUX E FOUCAULT

Michel Foucault e Michel Pêcheux possuem muito mais semelhanças do que o primeiro nome. O caminho percorrido pelos dois estudiosos se entrelaçam diversas vezes e, como ironia do destino, também se conflitam. Segundo Gregolin (2004), esta história começa na constituição do grupo althusseriano nos anos 1960, do qual Pêcheux e Foucault faziam

parte. O grupo era voltado para os estudos da filosofia por meio do rigoroso método estruturalista e tinham como base teórica a linguística, a psicanálise e a antropologia.

Neste grupo, Althusser e seus pupilos uniam estudos marxistas, saussurianos e freudianos, colocando em prática a raiz interdisciplinar do estruturalismo regente na França naquele período. Dito isso, foi Althusser e seu grupo que construíram a base teórica e trouxeram as principais referências de Pêcheux e de Foucault para conseguirem desenvolver seus trabalhos, pesquisas e, conseqüentemente, possibilitar a criação da análise de discurso de linha francesa. (GREGOLIN, 2004)

Gregolin (2004) diz que o destino teórico da análise de discurso francesa segue o processo de entrelaçamento destes três filósofos. Segundo a autora,

O pensamento de Althusser está fincado no projeto de construção da análise do discurso, dando à obra de Michel Pêcheux sua sustentação filosófica e política. Em Pêcheux podemos ler, explicitamente, as teses mais radicais do althusserianismo, mobilizadas para a reflexão sobre o discurso, a ideologia, o sujeito, o sentido. (GREGOLIN, 2004, p. 58)

Pêcheux constrói um projeto teórico para a elaboração de uma teoria materialista do discurso unida a seu projeto de luta de classe. O autor era engajado nas questões sociais e participou efetivamente dos movimentos pró-URSS em maio de 68, por isso, compreender sua filiação marxista é fundamental para entender sua obra. Para a construção de seu método, o autor tinha como principal referência, além de Althusser, a tríplice aliança Freud, Marx e Saussure. Seus estudos sofreram diversas reelaborações por conta de sua autocrítica e busca incessante por criar um método para a AD, ou seja, a análise automática. (GREGOLIN, 2004)

Segundo Eni Orlandi (2019), Pêcheux se preocupava muito com a legitimidade de se fundar uma teoria da AD. Para ela, o autor

[...] se perguntava como “dar conta” de um objeto das Ciências Humanas. Como estabelecer uma “escrita” para a análise, um artefato analítico, com seu método? Pergunta sobre a modelização, recorrente neste momento do desenvolvimento das Ciências, e das relações das Ciências Humanas e Sociais com os modelos validados, com sua universalidade, legítimos, como os das Ciências Exatas e Naturais. (ORLANDI, 2019, p. 139)

Por sua vez, Foucault também flertava com uma tríplice aliança em seus estudos, que em seu caso era constituída por Nietzsche, Freud e Marx. Neste referencial, notamos a aproximação mais clara de Pêcheux à linguística, enquanto Foucault voltava seus estudos à história e à filosofia. Por esta razão, percebemos que as obras dele são mais amplas e focadas



nos saberes das sociedades ocidentais, seu objetivo não era criar uma teoria linguística e do discurso, diferentemente de Pêcheux, que sim buscava criar um método de análise discursiva (GREGOLIN, 2004). Tal afirmação fica mais clara nas duas passagens colocadas a seguir, das obras “Análise Automática do Discurso” de Pêcheux e “A ordem do discurso” de Foucault. Vejamos:

O discurso é, enquanto tal, da ordem da fala, na qual se manifesta a "liberdade do locutor", ainda que, bem entendido, seja proveniente da Língua enquanto sequência sintaticamente correta. Mas o mesmo discurso é tomado pelo sociólogo como uma pane de um mecanismo em funcionamento, isto é, como pertencente a um sistema de normas nem puramente individuais nem globalmente universais, mas que derivam da estrutura de uma ideologia política, correspondendo, pois, a um certo lugar no interior de uma formação social dada. (PÊCHEUX, 1969, p. 76)

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 1970, p. 10)

Nesses trechos, notamos brevemente como Foucault volta sua fala para questões históricas, filosóficas e sociais e como Pêcheux, além das questões sociais, aborda a questão linguística também. Dito isso, Gregolin (2004) afirma que as teorias de Foucault e de Pêcheux não são adversárias, mas sim complementares. Para a autora, isto ocorre pois suas obras são diferentes e não contrárias uma à outra. O pensamento teórico destes dois autores têm quatro conceitos principais. Do ponto de vista da AD, são eles: concepções de história, de memória, de discurso e de sujeito.

Segundo Cabral dos Santos (2010), Pêcheux entende a história como um dos elementos que irá definir a posição do sujeito no discurso, para ele o sujeito é interpelado pela história; enquanto Foucault acredita que a história é um dispositivo que conduz a posição dos sujeitos ao exercer seus micropoderes, ele acredita que os sujeitos estão inscritos na história.

Quanto à concepção de memória, Pêcheux acredita que ela exerce importante papel na discursividade e na enunciação, é por meio dela que o interdiscurso se constrói, tudo que uma vez foi dito, já foi dito antes e por isso ele significa algo; já Foucault pauta a ideia de que a memória é um arquivo de saberes que compõe o devir da história e com isso é produzida a

discursividade de uma época, estes saberes são hierarquizados pela posição-sujeito que determina as forças de poder dos discursos. (CABRAL DOS SANTOS, 2010)

Dito isso, Cabral dos Santos (2010) afirma que Pêcheux entenderá o discurso como uma historicidade ideológica marcada pelas suas condições de produção, que derivará de uma conjuntura de sentidos; Foucault por sua vez acredita que o discurso é um conjunto de enunciados historicamente marcados pela instauração de saberes. Por fim, o autor completa que Pêcheux entende o sujeito como a instância da enunciação e Foucault como a historicidade derivada das práticas sociais.

As ideias de Foucault e de Pêcheux são fundamentais para compreender a construção da AD francesa. O rumo que seus estudos tomaram nos tempos atuais também são de extrema importância para compreender as diferenças e as semelhanças entre a AD de linha francesa e a AD de linha franco-brasileira. Segundo Gregolin (2004), existe uma história da análise de discurso brasileira e uma história da análise de discurso francesa e que, mesmo semelhantes, as duas possuem grandes diferenças. Por isso, faz-se urgente entender as diferenças - teóricas, filosóficas, metodológicas - que distinguem estes diferentes estudos.

### **3 A ANÁLISE DE DISCURSO NO BRASIL**

#### **3.1 A CHEGADA DA ANÁLISE DE DISCURSO NO BRASIL**

O Estruturalismo deu as caras no Brasil por volta dos anos 40/50, quando Levi-Strauss lecionava sociologia na Universidade de São Paulo. Nas Letras, o estruturalismo (americano) foi difundido por Mattoso Câmara, um pouco mais tarde, nos anos 60. (GREGOLIN, 2004)

Mesmo o estruturalismo já estando presente nas produções teóricas das faculdades de Letras desde os anos 60 no Brasil, a análise de discurso de linha francesa sofreu críticas e embates com os estudiosos da linguística tradicional e positivista quando começou a ser explorada pelos acadêmicos e pesquisadores brasileiros, no meio dos anos 60, após a instauração da ditadura militar.

Este questionamento foi, sobretudo, ocasionado pela conjuntura política do país. Segundo Orlandi (2012), por conta da censura pela qual os professores, os alunos e as instituições de ensino foram sucumbidas durante a ditadura militar, fazia-se necessária a instalação da disciplina. Para ela, havia a necessidade de dizer no não-dizer e a AD precisava

estar ali para decifrar os códigos pelos quais não só a frente ampla de resistência, mas também o estado autoritário, utilizavam para se comunicar. A autora relata que:

Todas estas práticas são constituídas por discursividades: as do golpe e as da resistência que se desenvolvem ao mesmo tempo. [...] a discursividade dominante suscitava a necessidade de desvirar os discursos, de mostrar outros sentidos. De aprender a ler outras palavras naquelas palavras. O que não podia ser dito fazia enorme pressão em nossos dizeres. (ORLANDI, 2012, p. 10)

Se na França, ou Europa no geral, a crise das esquerdas em um estado de direito foi fundamental para a instalação da AD de linha Francesa, no Brasil vivenciar uma plena ditadura militar foi a questão política central para a criação da AD de linha franco-brasileira. (ORLANDI, 2012)

Ida Lúcia Mello (2010) afirma que ao se instaurar nos Trópicos, ou seja, na América Latina e no Brasil, a teoria da AD de linha francesa “saiu enriquecida, como saem todos aqueles que viajam pelo mundo e se adaptam a novas culturas, a novos olhares.” (idem, 2010, p. 223)

Há, sem sombra de dúvidas, diversos autores que contribuem para a criação das análises discursivas no Brasil e que diversos grupos de pesquisas país afora os têm como principal referência, são eles Charaudeau, Bakhtin, Jakobson e outros. Todavia, neste artigo focaremos nas influências de Foucault e, principalmente, Pêcheux por tratarmos de uma AD de linha franco-brasileira<sup>4</sup>.

Segundo Leandro Ferreira (2003), a AD foi acusada de não dar o devido valor à língua e importar-se somente com o político. Por conta disso, a análise de discurso advinda de Pêcheux foi denominada de “Análise de Discurso Radical ou Ortodoxa”. A autora menciona que:

A Análise de Discurso no Brasil [...], amadureceu, se consolidou e garantiu seu lugar no âmbito dos estudos da linguagem realizados pelas ciências humanas. Da matriz francesa, ficou o legado de Michel Pêcheux, (“uma relação de nunca acabar”), o qual ganhou no Brasil desdobramentos e deslocamentos importantes e decisivos para a manutenção ainda hoje desse campo teórico com o prestígio que desfruta entre nós. (2003, p. 45-46)

---

<sup>4</sup> A influência francesa da qual nos referimos no termo “franco-brasileira” diz respeito à AD francesa das décadas 60/80 e não à AD francesa atual.

Dito isso, é interessante mencionarmos que, em sua origem, a AD de linha francesa era denominada de “análise **do** discurso”, a utilização do artigo definido ‘o’ caiu em desuso exatamente por determinar que só poderia ser feito uma análise **do** discurso **político**. Por isso, passou-se a utilizar a denominação ‘análise **de** discurso’ para demonstrar que não havia um discurso definido suscetível a análise, que a área poderia abranger muito mais produções, sem limitações de *corpus*. Esta é uma importante forma de diferenciar os estudos da AD francesa de Pêcheux e da AD franco-brasileira que tem Pêcheux como predecessor.<sup>5</sup>

### 3.2 O DISTANCIAMENTO ENTRE A AD E A LINGUÍSTICA

Para Orlandi (2012), no período de introdução da AD, no Brasil, o formalismo dominava o cenário intelectual na área das linguagens. Segundo a autora, os linguistas “puros” analisavam a linguagem com uma posição positivista. Neste período, os estudiosos da língua que se pretendiam “sérios” defendiam o formalismo estrito, elogiando o gerativismo e desqualificando o estruturalismo. (ORLANDI, 2012, p. 22)

Pela vinculação entre o estruturalismo e a AD, Orlandi (2012) menciona que muitos intelectuais consideravam inconcebível que a relação entre sujeito/ideologia/linguagem constituiu uma teoria linguística e acusavam a AD de não ser uma ciência, um estudo da área da linguagem, e passaram a censurá-la. Isto ocasionou em uma concepção perpetuada até a atualidade de que a AD não é um teoria linguística, afinal para muitos teóricos da área é inimaginável a possibilidade da linguística estar interligada à filosofia, à história e às ciências sociais e ainda assim ser considerada um estudo da língua.

Para a autora deste movimento conturbado em que a AD se instaurou no país, resultou dois movimentos de tentativa de silenciamento das especificidades da disciplina no Brasil:

De um lado, os que argumentam a favor da precedência da questão linguística como uma maneira de silenciar o discursivo ou, em outras palavras, como uma maneira de apagar o que a língua tem a ver com a ideologia e vice-versa. [...] De outro, há os que afirmam a ideologia mas o fazem sob o modo de uma análise sem lugar próprio – os tais “puxadinhos teóricos” – sustentando-se na realidade em uma análise de conteúdo, isolando, do mesmo modo, a língua em sua relação com a ideologia. (ORLANDI, 2002, p. 32)

---

<sup>5</sup> Como já mencionado anteriormente, Pêcheux tinha como foco a análise dos discursos políticos. No Brasil, apesar de ter iniciado desta forma, a AD “evoluiu” para a análise de diversos outros instrumentos que não necessariamente estavam relacionados ao discurso político, ultrapassando os estudos de pecheutianos e criando uma área de estudos e possibilidade de *corpus* própria. Esta é uma importante diferença entre a AD francesa das décadas de 60/80 e a AD franco-brasileira.

Segundo Orlandi (2002), a AD desorganiza a relação da linguística com as ciências humanas e sociais ao tratar de maneira própria o que é língua, o que é sujeito, o que é sentido. A pesquisadora ressalta que a posição de entremeio carregada pela AD não é fácil, uma vez que não é compreendida e respeitada. Entretanto, ela menciona que não é porque uma disciplina se encontra em uma zona fronteira que não seja possível criar um campo teórico sólido, contrariando as críticas feitas à AD. (ORLANDI, 2002)

Orlandi (2002) relata que o outro ponto de silenciamento da produção intelectual feita pela AD de linha franco-brasileira é quando outros intelectuais da linguagem ousam “usar-se, sem dizer, o aparato analítico da análise de discurso e sem referi-lo ao dispositivo teórico que o sustenta.” (2002, p. 33). Ou seja, muitos linguistas no intuito de não valorizar e creditar a análise de discurso, utilizam-se de suas produções e conhecimentos construídos por mais de 60 anos sem dar o devido reconhecimento e ainda colocam como um ‘novo descobrimento’ de sua própria área dentro da linguística. Em “Discurso em análise: Sujeito, história, ideologia” Orlandi é pontual em sua reflexão sobre a AD na atualidade, ela relata que:

A palavra discurso, como sabemos, aí está presente, como também a encontramos em autores muito diversos como Lévi-Strauss, Kristeva, Greimas etc. mas em cada um desses autores a palavra discurso é praticada com sentidos bastante diferentes. Na análise de discurso fundada por M. Pêcheux, discurso é efeito de sentidos entre locutores e isto acarreta toda uma declinação teórica do que é sujeito, do que é sentido, do que é memória, do que é história, do que é sociedade, do que é ideologia, do que é língua etc. E isto, justamente, não deveria resultar em que se pratique, como temos visto, mera renomeação das disciplinas: tudo é análise de discurso. Só fica o nome, primeiro passo, para, depois, mudar (ou não) de nome e apagá-la [a AD]. [...] Eu diria que é uma espécie de oportunismo teórico, ou institucional. Onde estavam esses "teóricos emergentes" da análise de discurso quando falar em discurso era coisa marginal na linguística? Como é próprio da ideologia da mundialização, se busca o lucro a curto termo. Ilusão de que o mundo é Um, a Ciência (com letra maiúscula) também é Uma. Ilusão de apagamento de profundas disparidades que não são ditas. As redes de grupos formados por relações de força e não de sentidos — se reforçam. E, nos diferentes lados, as mesmas palavras não têm o mesmo sentido. Eu diria, pois, que esta produção da indistinção e diluição constitui a nova língua de madeira da época moderna, na medida em que ela representa no interior da língua a maneira política de negar o político. Por um deslizamento neste enunciado, eu diria mais: "na medida em que ela representa, no interior da Vida intelectual, e agora em relação com a análise de discurso, a maneira política de negar o político". Discurso neoliberal, positivista em última instância, embora vestindo-se de materialismo. (ORLANDI, 2012, p. 28)

Orlandi (2012) ainda comenta, na continuidade da obra, que essa busca pelo Um gera uma reformulação de conceitos da AD, o positivismo e a busca pelo silenciamento do materialismo para se adequar a essa “linguística pura” resulta na inutilização de conceitos importantes para a AD como a ideologia, substituindo-o por termos como cultura ou até mesmo mentalidade. A autora entrará em mais detalhes sobre este silenciamento da teoria em sua obra “As formas no silêncio: no movimento dos sentidos”, além disso este trabalho é fundamental para o resgate linguístico da AD, como poderemos ver mais a frente, na seção quatro do artigo.

### 3.3 A DISCIPLINARIZAÇÃO DA ANÁLISE DE DISCURSO NO BRASIL

Para Leandro Ferreira (2003), a UNICAMP foi pioneira na institucionalização da AD como disciplina. Na tese de doutorado de Maria Eunice de Godoy Machado Teixeira, defendida em 2014, na UNICAMP, a autora entrevista estudiosos da área que atuam na instituição como docentes, no intuito de compreender o percurso traçado pela AD na universidade. Em uma das entrevistas cedidas à autora há a seguinte fala:

Não foi sem resistências que Eni Orlandi construiu condições de institucionalização da Análise de Discurso como uma disciplina, como uma disciplina da Linguística, como uma área de conhecimento brasileira financiável pelos organismos públicos de fomento à pesquisa. [...] O dizer também produz uma distinção entre a Análise de Discurso como disciplina e a Análise de Discurso como disciplina da Linguística, o que sugere talvez um embate, nesse processo histórico, para que a disciplina fosse inserida na área da Linguística, o que faz remissão, novamente, a um confronto entre Análise de Discurso e outros estudos linguísticos). [...] “Pelo que sei, a Unicamp foi pioneira no Brasil a instituir uma cadeira de Análise de Discurso, isto é, a abordagem tornou-se uma disciplina curricular nessa instituição.” (MACHADO TEIXEIRA, 2014, p. 99)

Machado Teixeira (2014) analisa esta fala como uma compreensão da divisão histórica da AD na instituição. Para ela, este período pode ser dividido em dois momentos, o primeiro que se refere às atividades cotidianas dos professores da instituição de já inserir a teoria da AD nas suas disciplinas recorrentes e o outro de realmente institucionalizar a disciplina, contratar professores, criar um núcleo para seus estudos, etc. Apesar de parecer que um processo foi consequência do outro e tudo ocorreu de forma simples, o ato de institucionalizar a AD foi um movimento de resistência. A autora menciona que

Entre um e outro processos, o sentido de resistência e mesmo de impedimento para uma institucionalização dos estudos discursivos que já ocorriam nos cursos é fortemente significado nos dizeres “Eu fazia um percurso até chegar na AD” (há um efeito de sentido de que para chegar à Análise de Discurso era preciso percorrer os caminhos disponibilizados pela instituição, ou seja, trabalhar pelas brechas encontradas nas disciplinas existentes, com suas ementas, conteúdos programáticos e bibliografias correspondentes. A AD não podia ser objeto claro da disciplina, mas seria aceitável, se considerada no interior de disciplinas já existentes) [...] (MACHADO TEIXEIRA, 2014, p. 100-101)

Pela análise da autora, entende-se que neste processo há uma resistência dupla: a primeira, pelo contexto político ditatorial no Brasil; a segunda, pela represália que a AD sofria por parte dos linguistas que não a considerava parte dos estudos da linguagem.

Machado Teixeira (2014) expõe em sua análise que há uma distinção entre a AD como disciplina e a AD como disciplina da Linguística. Para ela, isso faz uma remissão a este embate entre as áreas de estudo nesta marca da historicidade. Segundo ela,

O estabelecimento da Análise de Discurso no Brasil como área de conhecimento científico é um processo, que envolve aspectos institucionais, como a inclusão e regulamentação da área em instituições de ensino, órgãos governamentais, institutos de fomento à pesquisa e outros; e de ordem epistemológica, que dizem respeito às configurações de suas fronteiras teóricas, aos limites de sua área de conhecimento e às (re)definições de seus pressupostos teóricos. (MACHADO TEIXEIRA, 2014 p. 103)

Desta forma, ainda que a AD tenha vivenciado - e podemos dizer que vivencia até hoje - grandes desafios e silenciamentos para conseguir se instaurar no Brasil como parte das ciências da linguagem, foi por iniciativa de professores da UNICAMP, adeptos da teoria de Pêcheux e que lecionaram disciplinas sobre linguística no IEL (Instituto dos Estudos da Linguagem) que a AD conseguiu se disciplinarizar no Brasil, dentre estes docentes, devemos evidenciar o nome de Eni Orlandi (MACHADO, 2010).

Segundo Leandro Ferreira (2003), Orlandi se esforçou em disciplinarizar a análise de discurso e torná-la institucional, ou seja, torná-la parte do currículo do curso de graduação e de pós-graduação na área dos estudos da linguagem da UNICAMP. Para Orlandi,

[...] Em Campinas, a Análise de Discurso se institucionalizou pelo concurso dos que se filiaram a seu campo teórico. Pelo ensino desta disciplina – como parte dos currículos, de graduação e de pós-graduação, do Instituto de Estudos da Linguagem, especificamente do Departamento de Linguística, o que é aliás a sua marca – ela se representou em programas de pós-graduação e em organismos de pesquisa o que garantiu sua estabilidade institucional

e de produção. Na França, foi uma iniciativa que ficou a cargo de pesquisadores do CNRS, alocados em diferentes universidades, mas sem constituir uma disciplina até bem pouco tempo. (ORLANDI, 2002, p. 38)

Após a institucionalização da análise de discurso na Unicamp, muitos cursos de Letras do país seguiram seus passos e hoje, mesmo com seu caráter de entremeio, a AD está presente na formação de linguistas em todo o país.

Sem dúvidas, a posição atual que a AD ocupa dentro da academia brasileira é resultado do trabalho de Eni Orlandi. A autora lutou para que a AD ganhasse notoriedade e reconhecimento por suas contribuições científicas em livros, artigos, entrevistas, etc.

Hoje, Orlandi é a principal referência da análise de discurso de linha franco-brasileira. Os trabalhos da autora vão desde análises discursivas até textos que nos fazem compreender os conceitos básicos da disciplina. Além disso, ela contribui com trabalhos que fomentam o resgate linguístico da AD, como é o caso da obra “As formas do silêncio: No movimento dos sentidos”.

#### **4 A OBRA “AS FORMAS DO SILÊNCIO” DE ORLANDI E O RESGATE DA ORIGEM LINGUÍSTICA DA ANÁLISE DE DISCURSO**

Para se entender a história e as particularidades da análise de discurso no Brasil é preciso compreender e reconhecer a importância da trajetória de Eni Puccinelli Orlandi como professora, pesquisadora e intelectual da área. Atualmente, Orlandi trabalha como professora visitante na UNEMAT (Universidade Estadual do Mato Grosso). Todavia, possui uma extensa trajetória na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), na qual coleciona contribuições no Instituto de Estudos da Linguagem e no Laboratório de Estudos Urbanos. Ela é considerada a grande referência da AD franco-brasileira.

Em “As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos”, Orlandi nos traz um trabalho muito bem construído sobre os sentidos do silêncio, como ele é fundante, expondo os princípios da significação por meio do não-dito.

O livro publicado em 1995 é dividido em Introdução, cinco capítulos intitulados respectivamente de “Silêncio e Sentido”, de “Silêncio, Sujeito, História”, de “Silêncio e Resistência” e de “Silêncio, Cópia e Reflexão” e, por fim, a Conclusão. Os capítulos também são separados em outros subcapítulos que facilitam a organização de ideias e de conceitos,



tornando o livro mais entendível e de fácil consulta, uma vez que ao consultar o sumário o leitor pode tranquilamente saber onde estão cada conceito-chave para o estudo.

A obra é de extrema importância para se entender a AD franco-brasileira, uma vez que é por meio dela que ficaram nítidas as suas particularidades intelectuais. Ao consultar a bibliografia da obra vemos diversos trabalhos do fundador da área, Pêcheux, e de sociólogos, historiadores, analistas de discurso, etc. Alguns chegam a tratar, sim, sobre o silêncio, mas não da perspectiva da análise de discurso de filiação pêcheutiana, proposta por Orlandi no decorrer da obra.

Sabe-se que na linha do tempo que traça a trajetória da AD em território Brasileiro houve muita resistência dos linguistas em reconhecer a AD como parte das ciências da linguagem. Segundo Orlandi (2002), esta resistência está ligada a muitos linguistas não compreenderem a relação dos estudos do discurso a uma linguística formalista e tradicional. Para ela, o ato de interpelar língua, história e sociedade faz com que outros estudiosos não compreendem a AD como nascida de uma teoria linguística, ou seja, nascida da visão que Pêcheux tinha do discurso baseando-se na sua formação estruturalista, que teve como principal referência o fundador da linguística: Saussure.

Entretanto, não devemos confundir o resgate da origem linguística da AD com uma vontade desta de se inserir na área da linguística, mas sim que este resgate de sua origem linguística permita que ela transite no terreno de entre-meio e tome o discurso como objeto de estudo relacionando-o com a ideologia, o materialismo histórico etc. Para Orlandi (2002),

[...] há aqueles que, incompreendendo a relação da análise de discurso com a linguística (relação que é de “pressuposição”) pretendem “preservar”, tal qual, a linguística – e os formalismos dominantes - e há os que, inscritos na filiação lingüístico-discursiva, como eu, partindo da lingüística e reconhecendo/deslocando o corte epistemológico saussuriano (M. Pêcheux, 1971), procuram compreender a relação entre a linguística e a análise de discurso no quadro das relações de entremeio, elaborando suas contradições. [...] De minha parte, sempre insisti na possibilidade de trabalhar um objeto novo: o discurso. E minha reflexão vai nessa direção procurando dar visibilidade, construir mesmo, o campo específico da análise de discurso caracterizando sua teoria, seu método, seus procedimentos analíticos e seu objeto próprio. Estabeleço a noção de texto relacionando-a a discurso para não cair no engano do “puro lingüístico” [...] (ORLANDI, 2002, p. 9-10)

Como percebemos, a autora defende que o “puro linguístico” não é interessante para a AD uma vez que ela se constrói pela interdisciplinaridade. Todavia, a linguística é a base da AD, pois sem a filiação linguística-discursiva a AD não conseguiria compreender a relação da língua com o social-ideológico. (ORLANDI, 2002)

Vale ressaltar que apesar da AD ter os estudos linguísticos como uma importante referência, seu objetivo não é nem nunca foi fazer parte da linguística. A AD sempre se reconheceu como uma disciplina fronteira, que leva os estudos da linguagem consigo, defender que AD é parte da linguística, além de errôneo, é apagar toda a referência à história, à filosofia, à psicanálise etc. que a AD carrega consigo. Nosso objetivo com esta discussão não é defender que a AD faça parte da linguística, mas sim que a linguística é uma parte fundamental dela que não deve ser apagada ou ignorada por conta da sua interdisciplinariedade e do seu local de entre-meio.

A AD busca se configurar como uma área própria, mas sem a linguagem isso jamais seria possível. Portanto, devemos reconhecer a AD dentro da linguística não por ela ser órfã de filiação a uma área do conhecimento, mas sim porque devemos valorizar àquela que a originou: a linguística. (ORLANDI, 2002)

Logo no início de “As formas do silêncio: no movimento dos sentidos”, Orlandi (1995) nos traz o conceito de que o silêncio é o estado primário e a palavra é periférica, ou seja, ao contrário do que a linguística formalista pensa, o silêncio não é a falta do discurso, mas sim a linguagem que é o excesso, a extrapolação, já que o silêncio é dotado de sentido por si próprio.

Segundo o dicionário Oxford, **Linguística** é a “ciência que tem por objeto a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico” e para Orlandi (1999) a **AD** se forma a partir da relação da linguagem com a filosofia, com as ciências sociais e com a história, já que, segundo a autora, a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história. Pensando neste dois conceitos, conseguimos encontrar pontos em comum entre a AD e a Linguística: ambas baseiam seus estudos na linguagem.

Em “As formas do silêncio”, Orlandi (1995) explica que na política do silêncio a linguagem precisa dele para significar. Isto, proíbem-se certas palavras, para proibir certos sentidos. É quando dizemos X que não queremos (ou podemos) dizer Y. Mas, o que isso quer

dizer? Quer dizer que para Orlandi (1995), o silêncio intervém como parte da relação do sujeito com o dizível, permitindo os múltiplos sentidos ao tornar possível, ao sujeito, a elaboração de sua relação com outros sentidos.

Na obra, Orlandi (1995) afirma que:

A maneira como concebemos o silêncio na produção da significação nos leva a perceber consequências para o estudo da linguagem que apontam para diferentes direções. Inicialmente, e na sua dimensão prática, a consideração do silêncio pode fazer compreender, de forma distinta, questões relativas ao ensino de línguas, ao contrato entre culturas diferentes, a relação com a escrita, a poesia, a música, a relação entre sistemas simbólicos (práticas discursivas) diferentes, a publicidade, as diferentes formas da autoria etc. Enfim, se toda relação com a linguagem supõe uma relação com o silêncio, este funciona de maneira que nos leva a dizer que não se pode compreender o funcionamento da linguagem sem compreender o estatuto particular do silêncio nos processos de significação. (ORLANDI, 1995, p. 151)

Neste trecho da conclusão de “As formas do silêncio” notamos que o objetivo de Orlandi em categorizar e compreender o silêncio em silêncio fundador e política do silêncio, não é meramente compreender a função discursiva ou significativa do silêncio para o discurso, mas sim entendê-lo como fundamental para compreender a linguagem. Este estudo certamente colabora com a linguística e vai na contramão do perpetuado pelos "linguistas puros” de que a linguagem deve se atentar apenas aos fenômenos linguísticos, afinal se a linguística estuda a língua e a língua é produzida pelo sujeito, é impossível a existência dessa língua positivista que os formalistas buscam utilizar como base, o sujeito é influenciado socialmente, ideologicamente e historicamente e isso reflete na linguagem.

Para que seja possível compreender a relação fundadora da AD com a linguística, é preciso lembrar que esta relação não está pautada em uma linguística formalista e positivista, como já mencionado anteriormente, a AD não busca analisar a língua se mantendo fixa à ela. Ela analisa a língua interpelada pela história e pela ideologia. Segundo Orlandi (1999), existem dois conceitos importantes para o analista de discurso: o dispositivo teórico de interpretação e o dispositivo analítico. Para ela, o dispositivo teórico diz respeito à teorização dos estudos discursivos, ele teoriza a interpretação, ou seja, toda leitura necessita de um artefato teórico para que se efetue. Quanto ao dispositivo analítico, será aquele que cada analista constrói baseando-se em questões que outro analista não pensaria. Por isso, ela afirma que uma análise não é igual a outra, ou seja, para que ocorra uma análise discursiva, é necessário que o analista

do discurso “individualize” seu dispositivo teórico. Por isso, fica claro que a AD vai além da interpretação, uma vez que ela compreende como um objeto simbólico produz sentido por e para o sujeito.

Isso quer dizer que pensar a língua e o silêncio, na perspectiva discursiva, é ir contra o positivismo na observação dos fatos da linguagem. Orlandi (1995) discorre que sem considerar a historicidade de um texto e os processos de construção dos sentidos, é impossível compreender seus efeitos e é impossível compreender o silêncio como significante. A relação existente entre a AD e a linguística não é formalista, mas sim conceitual, as duas se baseiam na linguagem produzida pelo sujeito para construir seus estudos.<sup>6</sup>

Para finalizar, no capítulo “Silêncio e resistência”, Orlandi faz um estudo sobre a censura. Em suas palavras:

Meu objeto de reflexão neste capítulo é a censura. Entretanto, minha finalidade não é classificar dados que caracterizam a censura. Minha proposta é a de compreender a censura enquanto fato de linguagem que se inscreve em uma política da palavra que separa a esfera pública e a esfera privada, produzindo efeitos de sentido pela clivagem que a imposição de uma divisão entre sentidos permitidos e sentidos proibidos produz no sujeito. Tomando em consideração esses aspectos da censura, analiso ao mesmo tempo tanto a censura quanto a recusa de se submeter a ela, procurando enfim definir o modo como as diferentes formas do silêncio trabalham os processos de produção de sentidos. (ORLANDI, 1995, p. 93)

A obra como um todo é muito importante para se compreender a AD franco-brasileira, e compreender sua origem linguística, entretanto este capítulo da obra de Orlandi em especial será de grande serventia para entendermos as particularidades que a análise de discurso franco-brasileira possui, já que, é por meio de um acontecimento histórico do Brasil - a ditadura militar - que os estudos sobre a censura feito pela autora foram possíveis. Sem este processo histórico, social e ideológico em particular nenhuma das reflexões presentes no livro

---

<sup>6</sup> É por esta razão que as duas áreas se complementam e, ao contrário do que muitos formalistas defendem, elas não são contrárias uma à outra.

seriam possíveis. A autora utiliza de um silenciamento em massa para construir um dos grandes referenciais e especificidades da AD franco-brasileira.<sup>7</sup>

Como já citado anteriormente neste artigo, Gregolin (2004) afirma que pelos processos históricos diferentes que a França e o Brasil passaram na construção da disciplina, não podemos considerar que haja apenas uma única linha de estudos da AD entre os dois países, assim como a França não passou por uma ditadura, o Brasil não passou pela revolução cultural de maio de 68.

Mesmo que compartilhemos com a França dos anos 60/80 o referencial teórico pecheutiano, os processos históricos nos dois territórios são extremamente diferentes e por isso não devemos considerá-los uma linha de estudos homogênea e uniforme.

## **5 OS CAMINHOS PARA O RECONHECIMENTO DA ANÁLISE DE DISCURSO DE LINHA FRANCO-BRASILEIRA**

Segundo Villarta-Neder (2010), em cada universidade em que a AD é discutida e pesquisada no Brasil há sempre um espaço de diferenças entre elas e em suas bases teórico-epistemológicas. Para ele, algumas delas irão dialogar com Pêcheux, outras com Foucault, enquanto terceiras se basearão na teoria epistemológica de Charaudeau e também podem haver aquelas que irão se fundamentar na psicanálise lacaniana, etc.

Assim como na França, não podemos falar que no Brasil existe uma homogeneidade na AD, mas iremos evidenciar aqui o caráter predominante da AD francesa na construção e consolidação da AD empregada no Brasil. Há sim grupos de estudos que trabalham em outra direção, ainda que sejam encontrados com menos frequência. Todavia, a predominância da filiação à AD francesa fundadora dos anos 60/80 é presente na maioria das instituições que pesquisam a AD no Brasil. (LEANDRO FERREIRA, 2008)

Para Leandro Ferreira (2008), a AD franco-brasileira se mantém filiada à Pêcheux e a AD francesa acaba por construir desafios no avanço e no reconhecimento da AD

---

<sup>7</sup> Este silenciamento em massa que foi material de análise da autora contribui fortemente nas especificidades da AD franco-brasileira, pois a ditadura é um traço histórico-social muito forte nos países da América Latina. E, por se tratar de um acontecimento próprio do nosso contexto, este período torna possível a criação de uma AD muito específica no Brasil, um autor francês que não viveu este período seria incapaz de compreendê-lo tão bem quando uma autora brasileira que o vivenciou. É por esta razão que a obra é tão importante para compreender a construção das especificidades que compõem a AD franco-brasileira. Afinal, para analisar um momento histórico tão específico a autora precisou buscar mecanismos próprios de análise que ultrapassaram os disponíveis à ela com os textos e referências da AD francesa que foram construídos em um contexto político diferente do nosso.

franco-brasileira. Para a autora, manter esta filiação não significa se pautar exclusivamente nas concepções e fundamentos da AD francesa, mas sim construir com singularidade e com liberdade um estudo discursivo em território brasileiro.

Se basear em autores franceses fundadores da AD nada mais é do que uma fidelidade referencial que a AD franco-brasileira possui, trabalhar com estes autores não significa que os estudos discursivos feitos no Brasil reproduzem sem questionar ou inovar os conceitos que a AD francesa empregada nos anos 60/80 possuía. Está mais do que claro no avanço dos trabalhos, pesquisas e institucionalização da AD no Brasil que não utilizamos essa fidelidade teórica para reproduzir ao pé da letra os estudos feitos nos anos 60 e 80 sobre o discurso, muito pelo contrário: o que está sendo construído hoje, no Brasil, no que diz respeito aos estudos discursivos é o avanço da vertente pecheutiana (LEANDRO FERREIRA, 2008). Como vimos anteriormente, os estudos pecheutianos na França se esvaiu com o passar do tempo, mas

Aqui [*no Brasil*] ela se mostra pulsante, sem receio de incorporar novas materialidades e sem estacionar nas questões e querelas que marcaram sua origem europeia. Até porque temos as nossas próprias que já nos mantêm bem ocupados. Diria que, no Brasil, estamos construindo a “aventura do discurso” a múltiplas vozes, como resultado de uma empreitada coletiva, que, por vezes, faz ecoar aqui e ali dissintonias, desconfortos... mas sem que isso chegue a nos fazer perder o rumo. (LEANDRO FERREIRA, 2008, p. 141)

Dito isso, quando rotulamos a AD empregada no Brasil como francesa, apagamos todas as suas singularidades, tiramos o mérito e reconhecimento de nossos pesquisadores no avanço das teorias fundadoras da AD, no Brasil.

É impossível construir um diálogo sobre o desafio em se reconhecer a AD franco-brasileira desta forma e com esta nomenclatura, sem antes entendermos como o colonialismo nos afeta até hoje nas mais simples coisas, inclusive no âmbito acadêmico. Segundo Andreola, em “A universidade e o colonialismo denunciado por Fanon, Freire e Sartre”,

Sartre escreveu, em 1961: “Não faz muito tempo a terra tinha dois bilhões de habitantes, isto é, quinhentos milhões de homens e um bilhão e quinhentos milhões de indígenas. Os primeiros dispunham do Verbo, os outros pediam-no emprestado”. Na visão colonialista, denunciada por Fanon e Sartre, o “centro” pensa, fala e escreve. A “periferia” consome e reproduz a palavra do centro. É a “cultura do silêncio”, tantas vezes verberada por Freire. [...] É verdade que o conhecimento continua sendo apropriado pelas nações mais poderosas. Essa apropriação resulta em uma nova forma de colonialismo, e contra isso é essencial que lutemos permanentemente. Estamos precisando de uma política de proteção intelectual que garanta o direito dos pesquisadores e das instituições, pois isso diz respeito à própria soberania nacional. (ANDREOLA, 2007, p. 45)

Foi-nos empregado desde o dia um da colonização que somos nações subdesenvolvidas, desprovidas de cultura, conhecimento e ciência. O período colonial acabou, mas o colonialismo não, pois esta percepção nos está incrustada até os dias de hoje e mesmo sem a intenção acabamos silenciando a construção do conhecimento e da ciência feitas por nós. Sabemos que não é apenas a AD que passa pelo desafio diário de ser reconhecida pelo que produz em território nacional, mas somos pautados como meros seguidores daqueles intelectuais provenientes de países “desenvolvidos” e “de primeiro mundo”.

Reconhecer a AD como franco-brasileira não é um movimento patriota ou meramente decolonial, mas sim sobre valorizar o conhecimento construído por intelectuais brasileiros e sua contribuição nos estudos discursivos. É sobre referenciar a contribuição do Brasil na construção da AD assim como referenciamos a França quando denominamos as linhas de pesquisa como francesa ou franco-brasileira.

Portanto, o caminho para que a AD franco-brasileira seja reconhecida e referenciada como tal é nos desvencilharmos da concepção de que seguimos um modelo francês de construção das análises discursivas. Como dito por Leandro Ferreira (2008), estamos preocupados demais com nossas singularidades e especificidades para reproduzir uma AD meramente francesa. Para ela, nós tornamos contemporâneo o estudo de Pêcheux, demos sequência a ele e não somente o reproduzimos. Por isso, devemos nos referenciar e dar crédito às nossas contribuições na construção do conhecimento sobre a AD. Isso não significa negar nossa filiação à AD francesa, mas sim reconhecer que andamos em conjunto com ela sem nos limitarmos a sê-la e seguí-la na literalidade. Além disso, é fundamental que haja a diferenciação entre as duas linhas, elas não são homogêneas e não são a mesma coisa apesar das suas semelhanças.

### 5.1. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DA AD FRANCESA E DA AD FRANCO-BRASILEIRA

Que a AD francesa é um pilar para a construção da AD franco-brasileira nós já sabemos. Todavia, é importante que façamos uma comparação e diferenciação entre as duas linhas. A AD francesa possui duas divisões no marco temporal, a de 60/80 que foi construída pelos fundadores e a atual que é perpetuada por Courtine. Por sua vez, a AD franco-brasileira se baseia e dá continuidade aos estudos dos autores franceses fundadores e se adapta ao contexto brasileiro de acordo com as suas singularidades e especificidades histórico-sociais.

Vale ressaltar que nenhuma das linhas são homogêneas nos territórios que predominam, mas que há um número muito significativo de produções e contribuições para torná-las maioria nestes países.

No quadro a seguir, temos um levantamento de informações e conceitos importantes para cada uma das linhas da AD. Neste, construímos uma comparação entre as vertentes da AD francesa e franco-brasileira.

Para fins de esclarecimento, vale ressaltar que construímos este quadro elegendo a obra de Pêcheux publicada em 1969, mesmo tendo conhecimento das reformulações de conceitos presentes no quadro mais à frente na sua bibliografia. Isto foi feito no intuito de representar o marco zero da AD e como ela se transformou na França e no Brasil no decorrer do tempo.

Além disso, relembremos que: apesar de termos selecionado a obra de Courtine para a construção deste quadro, isso não significa que a AD francesa não possua nomes de maior peso e importância do que ele na atualidade. Como já citado anteriormente, Denise Maldidier, Paul Henry, Patrick Charaudeau e diversos outros autores contribuem para a construção da AD francesa atual tanto quanto o autor. A escolha deste foi feita com base nas filiações teóricas da qual partimos.

Dito isso, vamos observar o quadro para entender melhor as semelhanças e diferenças entre as três linhas da AD:

<b>Principal autor</b>	
<b>AD FRANCO-BRASILEIRA</b>	Eni Orlandi
<b>AD FRANCESA (Anos 60-80)</b>	Michel Pêcheux
<b>AD FRANCESA (Atual)</b>	Jean Jacques Courtine
<b>Filiações teóricas</b>	
<b>AD FRANCO-</b>	Michel Pêcheux



<b>BRASILEIRA</b>	Michel Foucault
<b>AD FRANCESA (Anos 60-80)</b>	Ferdinand Saussure Louis Althusser Karl Marx Jacques Lacan
<b>AD FRANCESA (Atual)</b>	Michel Pêcheux Michel Foucault
<b>O que é a AD para estas linhas</b>	
<b>AD FRANCO- BRASILEIRA</b>	“A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. Assim, a primeira coisa a se observar é que a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.” (ORLANDI, 1999, p. 13)
<b>AD FRANCESA (Anos 60-80)</b>	“Se prosseguirmos com a análise do discurso político — que serve aqui apenas de representante exemplar de diversos tipos de processos discursivos — veremos que por outro lado, ele deve ser remetido às relações de sentido nas quais é produzido: assim, tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele "orquestra" os termos principais ou anula os argumentos.” (PÊCHEUX, 1969, p. 77)
<b>AD FRANCESA (Atual)</b>	“A AD trabalha assim um objeto inscrito na relação da língua com a história. Nós gostaríamos, a este respeito, de enfatizar que nos parece que os estudos de AD em que se faz tal relação constituem uma importante aquisição teórica: o conceito de formação discursiva, por um lado, e a distinção entre processos discursivos e base linguística por outro” (COURTINE, 2016, p. 15)
<b>Conceito de discurso</b>	
<b>AD FRANCO- BRASILEIRA</b>	“O discurso é efeito de sentidos entre locutores. Também não se deve confundir discurso com "fala" na continuidade da dicotomia (Língua/fala) proposta por F. de Saussure. O Discurso não corresponde à noção de fala pois não se trata de opô-lo à língua como sendo esta um sistema onde tudo se mantém, com sua natureza social e suas constantes [...]” (ORLANDI, 1999, p. 20)

AD FRANCESA (Anos 60-80)	“[...] um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas [...] um discurso pode ser um ato político direto ou um gesto vazio, para "dar o troco", o que é uma outra forma de ação política.” (PÊCHEUX, 1969, p. 77)
AD FRANCESA (Atual)	“[...]o discursivo materializa o contato entre o ideológico e o linguístico, na medida em que ele representa no interior da língua os efeitos das contradições ideológicas e onde, inversamente, manifesta a existência da materialidade linguística no interior da ideologia. [...] [ <i>O discurso</i> ] se trata de manter a análise linguística, da qual certos procedimentos – notadamente sintáticos – fornecem a linguagem de descrição e a técnica de manipulação de seqüências discursivas, e, por outro lado, a análise histórica das condições de formação dos conjuntos ideológicos como discurso. E com isso levar em conta a materialidade discursiva como objeto próprio, isto é, que produz seu lugar de proposições teóricas” (COURTINE, 2016, p. 14)
<b>Materialidade discursiva</b>	
AD FRANCO- BRASILEIRA	“A Análise de Discurso não procura o sentido "verdadeiro", mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica. A ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o saber. A própria língua funciona ideologicamente, tendo em sua materialidade esse jogo.” (ORLANDI, 1999, p. 59)
AD FRANCESA (Anos 60-80)	“um discurso não apresenta, na sua materialidade textual, uma unidade orgânica em um só nível que se poderia colocar em evidência a partir do próprio discurso, mas que toda forma discursiva particular remete necessariamente a uma série de formas possíveis[...]” (PÊCHEUX, 1969, p. 104)
AD FRANCESA (Atual)	“A materialidade discursiva consiste em uma relação determinada entre a língua e a ideologia.” (COURTINE, 2016, p. 14)
<b>Enunciado</b>	
AD FRANCO- BRASILEIRA	“Todo enunciado, dirá M. Pêcheux (idem), é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. Ele é sempre suscetível de ser/tornar-se outro. Esse lugar do outro enunciado é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos” (ORLANDI, 1999, p. 59)
AD FRANCESA (Anos 60-80)	“Todo enunciado pode ser registrado sob a forma de um conjunto ordenado, de dimensão fixa, cujos elementos são signos linguísticos que pertencem a classes morfossintáticas definidas.” (PÊCHEUX, 1969, p. 108)
AD FRANCESA	“A noção de enunciado não tem estatuto teórico na AD, onde muitas vezes significa a realização de uma sentença de superfície, ou ainda uma sucessão de

(Atual)	frases (“enunciações seguidas”) cujas leis de encadeamento têm sido até agora pouco estudadas. O enunciado, por vezes, figura como uma proposição lógica, “átomos” de discurso da tradição logicista, cujas combinações produzem o texto. Acontece também que podemos adicionar a ele um suplemento pragmático destinado a fazer um “ato de discurso”.” (COURTINE, 2016, p. 21)
<b>Condições de Produção</b>	
AD FRANCO-BRASILEIRA	“[as condições de produção] compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória "aciona", faz valer, as condições de produção é fundamental” (ORLANDI, 1999, p. 28)
AD FRANCESA (Anos 60-80)	“[...] a maneira pela qual a posição dos protagonistas do discurso intervém a título de condições de produção do discurso. Convém agora acrescentar que o "referente"([...] o "contexto", a "situação" na qual aparece o discurso) pertence igualmente às condições de produção. Sublinhamos mais uma vez que se trata de um objeto imaginário (a saber, o ponto de vista do sujeito) e não da realidade física.” (PÊCHEUX, 1969, p. 83)
AD FRANCESA (Atual)	“A noção de condições de produção do discurso regula, em AD, a relação entre a materialidade linguística de uma sequência discursiva e as condições históricas que determinam sua produção; ela funda, assim, os procedimentos de constituição de corpus discursivos (conjunto de sequências discursivas dominadas por um determinado estado, suficientemente homogêneo e estável, das condições de produção do discurso).” (COURTINE, 2016, p. 20)
<b>Dispositivos de análise</b>	
AD FRANCO-BRASILEIRA	“Esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras.” (ORLANDI, 1999, p.59)
AD FRANCESA (Anos 60-80)	“O método que acabamos de descrever se situa em um nível infra-linguístico: na medida em que se dá por objeto uma espécie de demografia dos textos, ele visa não o funcionamento de um sistema de elementos mas a pura existência de tal ou tal material linguístico, o que presta incontestáveis serviços e teoria linguística mas não responde a questão do sentido contido no texto, nem à da diferença de sentido entre um texto e outro.” (PÊCHEUX, 1969, p. 64-65)
AD FRANCESA (Atual)	“Tais proposições teóricas devem conduzir ao estabelecimento dos procedimentos que venham a realizar a montagem instrumental, sob a forma de um dispositivo num campo metodológico. A materialização a partir de procedimentos determinados de um corpo de proposições teóricas visando ao discurso como objeto de conhecimento dá ao discurso uma concepção de objeto

	empírico-concreto ou objeto real. Esta é a condição à qual as expressões “o objeto da análise do discurso”, ou ainda “o discurso como objeto” podem ser empregadas” (COURTINE, 2016, p. 15)
--	---

**Quadro 1:** Conceitos importantes para a AD francesa e a AD franco-brasileira.

Cada uma das linhas da AD presentes no quadro anterior foi desenvolvida (ou continua se desenvolvendo) em contextos sociais, políticos e históricos totalmente diferentes. Como sabemos, a AD tem como base para seus estudos o sujeito interpelado pela língua, pela ideologia e pela história. Dito isso, compreendemos que os próprios produtores da teoria discursiva também são influenciados por estes contextos em que vivem. A língua, a ideologia e o contexto histórico em que Pêcheux, Courtine e Orlandi estão inseridos são diferentes um do outro e isso resultou em teorias que, apesar das semelhanças, possuem suas próprias singularidades e identidades.

Podemos notar este fato mais claramente na noção de análise de discurso para cada um dos principais autores das diferentes linhas da AD. Para Orlandi, a AD de linha franco-brasileira tem a função de entender como o discurso funciona na sociedade e como influencia na forma que o sujeito o significa. Para Pêcheux, a AD francesa dos anos 60/80 tem um viés totalmente político, seu objetivo principal é entender como o discurso e a sociedade andam em conjunto na construção das ideologias. Para Courtine, a AD francesa atual objetiva entender como o discurso pode influenciar na formação do sujeito histórico e universal.

Cada uma das vertentes possui suas particularidades, apesar de Orlandi e Courtine citarem fielmente a Pêcheux e a Foucault em suas obras, eles os fazem de formas diferentes e com objetivos distintos, pois cada um deles são influenciados por seus diferentes contextos sócio-históricos e adaptam os estudos fundadores da AD à sua realidade e foco de análise. Desta forma, concluímos que ao comparar conceitos importantes para cada uma das vertentes suas singularidades ficam ainda mais evidentes e o fato de que não devemos denominá-las da mesma forma é cada vez mais urgente, como já discorrido por Gregolin (2004) e citado anteriormente. Com base nisso, devemos reconhecer e nomear suas diferenças e dar crédito às suas identidades e particularidades, pois não são estudos homogêneos apenas por possuírem como base os mesmo autores fundadores da AD.

## 6 CONCLUSÃO

Ao denominar os estudos discursivos no Brasil como franceses, silenciámos todas as nossas singularidades e particularidades. Todavia, é inegável que a filiação pecheutiana na AD no Brasil também é muito importante para o desenvolvimento dos estudos nas instituições que o pesquisa. Levando isto em conta, concluímos que, por não se tratarem de linhas homogêneas, não podemos rotular a AD empregada no Brasil como francesa, pois sua construção e perpetuação neste país transformou seus estudos em uma continuação e extensão dos estudos franceses, não uma “imitação”.

Além disso, uma vez que as singularidades da AD franco-brasileira são tão significativas - ainda mais se levarmos em conta a linha francesa atual da AD - não é nada prático utilizarmos a mesma nomenclatura para ambas as vertentes. No Brasil, possuímos um contexto sócio-histórico que influencia diretamente na nossa pesquisa sobre a AD. Desta forma, isso se torna outro fator de inconveniência para denominarmos a AD empregada no Brasil de francesa.

Entendendo estes empasses, compreendemos que o mais adequado é denominá-la de franco-brasileira, para que ainda haja a identificação da nossa filiação à Pêcheux, mas sem silenciar nossas particularidades. Além disso, esta nomenclatura servirá para que os tantos intelectuais brasileiros que produzem pesquisas extremamente relevantes para a área sejam creditados e reconhecidos por isso.

A AD de linha franco-brasileira e suas particularidades é extremamente relevante para a construção do conhecimento sobre a AD em diferentes contextos dentro e fora do Brasil. Reconhecer que os intelectuais brasileiros construíram, a partir de suas singularidades, estudos relevantes para a AD como um todo torna ainda mais necessário que sejamos referenciados pelo trabalho que foi e está sendo construído em território brasileiro. Afinal, segundo Orlandi (2007), “ao mudarmos uma formação discursiva, as palavras mudam de sentido”.

## REFERÊNCIAS

ANDREOLA, Balduino Antonio. **A universidade e o colonialismo denunciado por Fanon, Freire e Sartre**. Pelotas, Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel, p. 46-72, 2007.

CABRAL DOS SANTOS, João Bôsko. A análise de discurso no Brasil: entre Pêcheux, Foucault e Bakhtin. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). **Da análise de discurso do Brasil: Três épocas histórico-analíticas**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

COURTINE, Jean-Jacques. **Qual via para a análise do discurso?:** uma entrevista com Jean-Jacques Courtine. Entrevista concedida a João Kogawa. Alfa, São Paulo, 59 (2), p. 407-417, 2015. <Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/CHjR6w63DkgTzWtjbQpK7TM/?lang=pt>. Acesso em 13/08/2021>

COURTINE, Jean-Jacques. **Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso**. Rio de Janeiro, Revista Policromias, Ano I, p. 14-35, 2016.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil**. Santa Maria, Revista Letras, n. 27, p. 39–46, 2003.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Os desafios de fazer avançar a análise do discurso no Brasil com singularidade e liberdade**. Santa Maria, Revista Letras, n. 37, p. 135–143, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na Análise Do discurso: Diálogo e Duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

MACHADO, Ida Lúcia. A AD, a AD no Brasil e a AD do Brasil. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). **Da análise de discurso do Brasil: Três épocas histórico-analíticas**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

MENDES, Emília. Estruturalismo e a Análise de Discurso no Brasil: da semiologia à semiolinguística. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). **Da análise de discurso do Brasil**: Três épocas histórico-analíticas. Uberlândia: EDUFU, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Análise de Discurso e seus Entre-meios**: Notas a sua História no Brasil. Cad.Est.Ling., Campinas, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio**: no Movimento dos Sentidos. Campinas, S. R: Editora Unicamp, 1995.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimento. Campinas, Pontes Editores, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais**: o Brasil. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L. (Org.). Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, p. 75-88, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise**: Sujeito, sentido, ideologia. Campinas, SP : Pontes Editores, p. 16-35, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso** In: GADET, Françoise & HAK, Tony. (Orgs.). Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3ª edição. Campinas-SP: Ed. da Unicamp.

VARELLA, Raquel. DELLA SANTA, Roberto. **O maio de 68 na Europa - Estado e Revolução**. Rio de Janeiro, Revista Direito e Práxis, Vol.9, N.2, p. 969-991, 2018.

<Disponível

em:

[https://www.scielo.br/j/rdp/a/y3Pp9rJwh74HgTVPkxLNpFm/?format=pdf&lan](https://www.scielo.br/j/rdp/a/y3Pp9rJwh74HgTVPkxLNpFm/?format=pdf&lang=pt)

[g=pt](https://www.scielo.br/j/rdp/a/y3Pp9rJwh74HgTVPkxLNpFm/?format=pdf&lang=pt). Acesso em 13/08/2021>

VILLARTA-NEDER, Marco Antônio. Tendências da Análise do Discurso do Brasil (AD do B): murmúrios e silêncios constitutivos. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). **Da análise de discurso do Brasil**: Três épocas histórico-analíticas. Uberlândia: EDUFU, 2010.

**RESUMEN:** En este trabajo, proponemos una investigación exploratoria sobre la consolidación del análisis del discurso franco-brasileño, comentando aspectos históricos, teóricos y sociales de la consolidación del análisis del discurso en Francia y Brasil, destacando sus similitudes y diferencias. Además, también discutimos cómo se configura el análisis del discurso en Brasil con su filiación a Pêcheux y qué razones nos llevan a considerar la existencia de una línea franco-brasileña y no sólo francesa. Con ello, entenderemos de qué manera las teorías creadas por Pêcheux lo superan en Brasil, ya que en Francia, su patria, sus estudios permanecen en un segundo plano en la actualidad. Así, discutiremos los retos a los que se enfrenta el análisis del discurso en Brasil para preservar la singularidad de una vertiente pecheutiana al tiempo que construye la suya propia. Además, haremos un estudio bibliográfico de libros y artículos que discuten las especificidades del análisis del discurso en Brasil. Así, exploraremos las posiciones de importantes analistas del discurso brasileños y sus opiniones sobre la existencia o no de la línea franco-brasileña. Por último, se analizará la obra “As formas do silêncio: no movimento dos sentidos” de Eni Puccinelli Orlandi, comprendiendo su importancia y también su lugar para la consolidación del análisis del discurso de la línea franco-brasileña. Con este estudio, concluimos que la nomenclatura franco-brasileña es realmente pertinente y necesaria, ya que la nomenclatura “análisis del discurso francés” no cubre todas las singularidades de esta línea y descredita el trabajo de los intelectuales brasileños hacia el análisis del discurso perpetuado en Brasil hoy.

**Palabras-clave:** Análisis del discurso. Análisis del discurso francés. Análisis del discurso franco-brasileña. Pêcheux. Orlandi